

ECOTURISMO NA REGIÃO DO XINGÓ: VALORIZAÇÃO DAS RIQUEZAS DO SEMIÁRIDO

Edja Lillian Pacheco da Luz (1); Marília Costa de Medeiros (1); Patrícia Nazaré Ferreira dos Santos (2);

Universidade Federal Rural de Pernambuco, lillian2800@hotmail.com;
Universidade Federal Rural de Pernambuco, mariliamedeiros@hotmail.com.br
Centro Universitário Maurício de Nassau, san_patty@hotmail.com

RESUMO: Dado o crescente interesse mundial pelo semiárido do Nordeste brasileiro, bem como o reconhecimento sobre a valorização tida a partir da renovação das ideias sobre a importância do bioma Caatinga têm colocado cada vez mais em evidência regiões antes ignoradas ou que recebiam pouca atenção, entre elas a região do Xingó, situada no encontro dos estados de Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe. Compreende 32 municípios, correspondendo a uma área de 40.293 km², que, ao ser cortada pelo rio São Francisco, confere-lhe uma unidade geográfica, ambiental, econômica e sócio-cultural única no Brasil. Grande parte da paisagem natural é composta por plantas que constituem a vegetação da caatinga, a chamada mata branca, estas apresentam características relacionadas à adaptação a deficiência hídrica, são plantas caducifólias, herbáceas anuais, suculentas, geralmente apresentam acúleos e espinhos. Os arbustos e árvores de pequeno porte são predominantes e a cobertura das copas é geralmente descontínua. Já o relevo da região de Xingó é formado, em sua maior parte, por tabuleiros (i.e., depressão sertaneja de baixa altitude), os quais se encontram bruscamente com o rio São Francisco formando canyons escarpados, compondo uma rica beleza paisagística. Entre os atrativos turísticos da região destacam-se o rio São Francisco, popularmente chamado por “Velho Chico”, o lago de Xingó e as trilhas ecológicas que incluem sítios arqueológicos com pinturas rupestres, ou o contato com o passado um pouco mais recente através da rota do cangaço. O que nos leva a concluir que a região do Xingó tem desenvolvido seu potencial ecoturístico através do uso racional de seus recursos naturais únicos e que ao mesmo tempo surpreendem e encantam seus visitantes não só pela beleza de suas paisagens mas também por seu patrimônio histórico e cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Recursos Naturais; Sustentabilidade; Preservação.

INTRODUÇÃO

O interesse mundial pelo semiárido do Nordeste brasileiro tem se renovado nas últimas décadas. Além de implicações geopolíticas mais amplas, decorrentes de acordos internacionais, observa-se também no plano nacional uma renovação das ideias sobre a importância do bioma Caatinga, bem como a busca por estratégias de coexistência mais harmoniosa da sociedade com as características do meio ambiente no Sertão (MACIEL; PONTES, 2015).

A expressão Bioma Caatinga é um termo abrangente para a caracterização das diversas fisionomias da região semiárida nordestina, englobando fauna, flora e geomorfologia. A Caatinga é o único bioma exclusivamente brasileiro que abriga plantas e animais únicos, com muitas espécies endêmicas, considerada como um patrimônio biológico de imensurável valor (DRUMOND, 2013). A conservação da caatinga é importante para manutenção dos padrões regionais e globais do

clima, da disponibilidade de água, de solos agriculturáveis e de parte importante da biodiversidade do planeta (TABARELLI & SILVA, J.M.C., 2008).

É considerada uma das 37 maiores áreas “wilderness” do mundo, porém essa classificação tem sido bastante questionada devido, principalmente, aos crescentes níveis de distúrbios observados na área (LEAL et al. 2005). De acordo com Cateletti et al. (2004), 30,7 a 51,7% de sua área tem sido afetada pela atividade humana, principalmente construção de estradas, cidades e formação de áreas para pastagens e plantio. Provocando a degradação desse ambiente devido ao uso insustentável dos seus recursos naturais.

Sendo assim, é fundamental que os recursos naturais da caatinga sejam conhecidos, preservados e valorizados. O planejamento e a execução de ações como: avaliar o potencial turístico e criar condições para o turismo ecológico, explorando esse potencial aliado a programas de educação ambiental são de grande importância para o sucesso de projetos que visem a exploração racional desses recursos.

Por outro lado, a atividade turística atualmente tem crescido e se desenvolvido bastante, alcançando novos públicos gerando renda e emprego que, muitas vezes, representam a atividade econômica principal de determinada localidade. Esse crescimento costuma acarretar impactos, positivos e negativos, sendo esses últimos, quase sempre, em maior frequência. Daí a necessidade de sempre se encontrar alternativas que promovam a sustentabilidade do local, sem que o espaço físico e sócio-cultural seja devastado. O objetivo, ao se planejar o turismo sustentável, é procurar maximizar os impactos positivos advindos do turismo e minimizar, ou eliminar, os impactos negativos (CRUZ; MENDONÇA; FARIAS FILHO, 2010).

METODOLOGIA

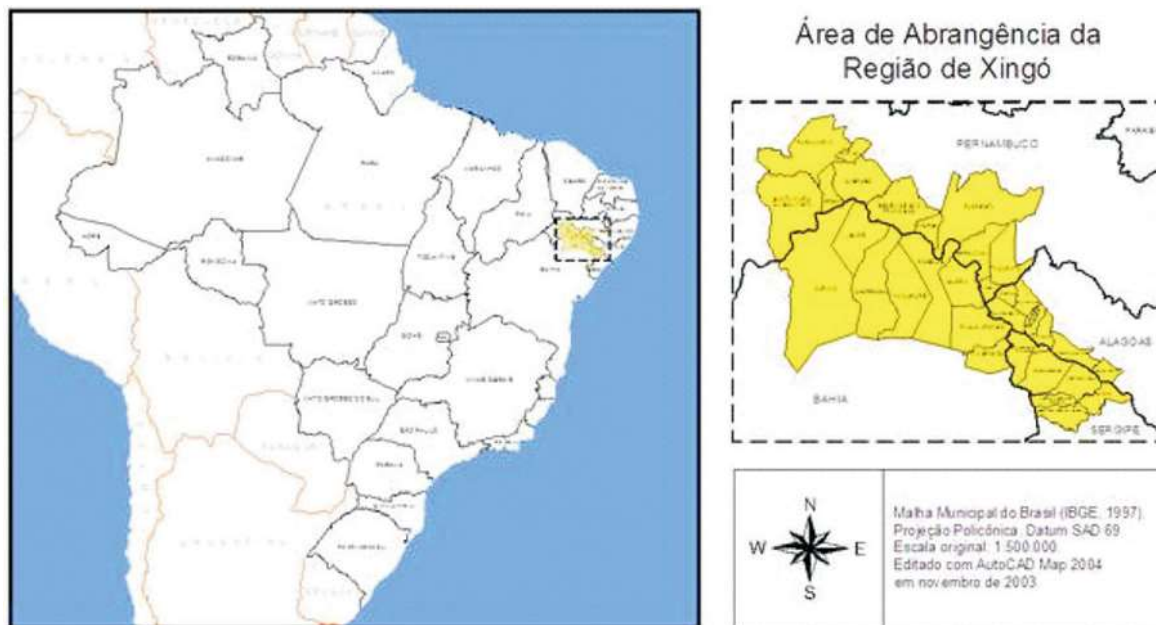
Área de estudo

A Região de Xingó fica situada numa extensa área do trópico semiárido brasileiro no encontro dos estados de Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe (Figura 1). Compreende 32 municípios, correspondendo a uma área de 40.293 km², que, ao ser cortada pelo rio São Francisco, confere-lhe uma unidade geográfica, ambiental, econômica e sócio-cultural ímpar no Brasil.

Abriga uma população de 584.883 habitantes (IBGE, 2003), onde se situa o complexo de hidroelétricas de Paulo Afonso, Itaparica e Xingó, todas pertencentes à CHESF - Companhia Hidroelétrica do São Francisco (PACHECO et al., 2006).

O clima é semiárido quente, marcado por precipitações escassas (500-600mm) e mal distribuídas, o que determina um longo período de seca. Índices inferiores são observados em Canindé de São Francisco, que pode chegar a menos de 500 mm. As temperaturas anuais são de 25 a 27° C nos meses mais quentes, caindo para menos de 21°C nos meses mais frios, ao longo do rio São Francisco (PLGGB 1988).

Figura 1– Mapa de localização da Região de Xingó em relação ao Brasil e América do Sul



Fonte: Pacheco et al., 2006.

Grande parte da paisagem natural é composta por plantas que constituem a vegetação da caatinga, estas apresentam características relacionadas à adaptação a deficiência hídrica, são plantas caducifólias, herbáceas anuais, suculentas, geralmente apresentam acúleos e espinhos. Os arbustos e árvores de pequeno porte são predominantes e a cobertura das copas é geralmente descontínua, entre outras condições que proporcionam ao bioma e aos seus ecossistemas diferentes fitofisionomias (CABRAL; ANDRADE; SANTOS, 2012).

O relevo da região de Xingó é formado, em sua maior parte, por tabuleiros (i.e., depressão sertaneja de baixa altitude), os quais se encontram bruscamente com o rio São Francisco formando canyons escarpados, compondo uma rica beleza paisagística.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os destinos turísticos – através de seus atrativos e equipamentos – necessitam se adaptar às novas formas de fazer turismo e surpreender e encantar os visitantes, de acordo com ensinamentos do marketing moderno. Apresentar e traduzir a cultura local; o patrimônio natural, histórico e cultural; o modus vivendi da população local; assim como a criação de uma imagem comprometida com o desenvolvimento turístico sustentável são verdadeiros desafios para os órgãos promotores do destino (SÁ; SILVA; BANDEIRA, 2015).

Nesse contexto, a região do Xingó como descrito por Prado, Andrade e Faccioli (2004) apresenta diversos atrativos turísticos naturais, são eles:

1- O rio São Francisco, popularmente chamado por “Velho Chico”, que banha os Estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas e nasce no Parque Nacional da Serra da Canastra, ao sul de Minas Gerais, percorrendo 3.161km até a foz, onde desemboca entre os Estados de Sergipe e Alagoas. Possui 2300 km navegáveis, sendo um rio de planalto que tem seu curso entrecortado por cachoeiras em diversos locais.

2- O lago de Xingó. Com o represamento das águas para a instalação da usina hidrelétrica de Xingo, criou-se um lago navegável, em um percurso de 60km de extensão, compreendido entre Paulo Afonso/BA, Canindé do São Francisco/SE e Piranhas/AL (Figura 2). Esse é o atrativo turístico mais procurado, visto que são realizados passeios de catamarã e escuna onde os turistas têm a oportunidade de observar tanto as formações rochosas do Cânion, quanto a fauna, tomar banhos no lago, inclusive entre um desfiladeiro, ponto de parada obrigatória para a natação e passeio com botes.

Figura 2. Mapa de acesso aos cânions partindo de cada estado da região do Xingó



Fonte: Panfleto informativo Cânions do São Francisco: Turismo, Ecologia e Aventura (2017).

3- Trilhas ecológicas. São duas, no município de Canindé do São Francisco, denominadas: Sítio Vale dos Mestres, Sítio Grotta de Angicos. Na trilha do Sítio Vale dos Mestres, além da observação de formações rochosas, da flora, existe um abrigo de pedra contendo escritos de arte rupestre. A Grotta do Angico, muito visitada, tem um significado histórico, visto que foi nessa trilha que foi morto o cangaceiro Lampião e seu bando. Encontram-se também os Sítios arqueológicos: a) O Sítio Arqueológico do Letreiro (Figura 3), cujas pinturas apresentam vestígios da ocupação de povos pré-históricos. b) Sítio Vale dos Mestres que apresenta três sítios arqueológicos: O primeiro, com pinturas que representam as mãos, o segundo e o terceiro são gravuras rupestres nas paredes rochosas. c) Fazenda Mundo Novo que também apresenta diversas formações rochosas contendo vestígios de civilizações pré-históricas.

Figura 3. Pinturas rupestres às margens do rio São Francisco, em Alagoas, entre os sertanejos, as imagens são conhecidas como ‘letreiro de caboclo brabo’



Fonte: Ministério Público de Alagoas (2016).

Por sua vez, para que o conceito de ecoturismo seja realmente efetivo é fundamental também que as pessoas que fazem uso da área devam estar sensíveis às questões ambientais para que elas possam cuidar do ambiente, já que a região do Xingó, e o que ela representa, desde o Rio São Francisco, a caatinga, o relevo exuberante (Figura 4) e seu o acervo histórico e cultural faz parte da vida e do cotidiano delas. Os barqueiros, os comerciantes, artesãos, bem como os guias e comunidade precisam ter consciência de que, preservando a riqueza natural da região estarão preservando o seu próprio sustento, o futuro deles e do local.

Figura 4. Paisagens Naturais do Semiárido na região do Xingó, vistas durante navegação pelo leito do Rio São Francisco, onde contempla-se a vegetação da Caatinga, os Paredões Rochosos e Cânions



Fonte: Autores (2017).

CONCLUSÕES

Ao final deste trabalho concluímos que a região do Xingó tem desenvolvido seu potencial ecoturístico através do uso racional de seus recursos naturais únicos e que ao mesmo tempo surpreendem e encantam seus visitantes não só pela beleza de suas paisagens com imensos paredões rochosos esculpidos pela ação da água através de milhares de anos, como por sua vegetação rústica e característica da caatinga que contrasta com a demais floras ao redor do globo visto que é única.

Merece destaque também seu patrimônio histórico e cultural, com valorização da memória local através do cangaço, como dos antigos povos nativos que habitavam a região e deixaram sua marca na forma de pinturas rupestres.

REFERÊNCIAS

CABRAL, M.I.A.; ANDRADE, W.M.; SANTOS, C.A.B. Usos múltiplos das plantas da caatinga espécies melíferas na região de Xingó, Brasil. In: SILVA, J.M.C.; TABARELLI, M.; FONSECA, M.; LINS, L. (eds.) **Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para conservação**. 143-162p. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, Brasil.

CATELETTI, C.H.M. et al. Quanto ainda resta da caatinga? Uma estimativa preliminar. In: SILVA, J.M.C.; TABARELLI, M.; FONSECA, M.; LINS, L. (eds.) **Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para conservação**. 91-100p. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, Brasil. 2012.

CRUZ, I.C.; MENDONÇA, J.C.; FARIAS FILHO, M.S. Turismo em unidades no parque nacional dos lençóis maranhenses e seus efeitos para as populações tradicionais. **Anais ... XVI Encontro Nacional dos Geógrafos Crise, práxis e autonomia: espaços de resistências e esperanças, espaços de Diálogos e Práticas**. Anais. Porto Alegre . 2010.

DRUMOND, M. A. Potencialidades de algumas espécies arbóreas madeiras do bioma caatinga. In: SILVA, M.V. et al. **A caatinga e seu valor biotecnológico**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

LEAL, I.R. et al. 2005. **Changing the Course of Biodiversity Conservation in the Caatinga of Northeast Brazil**. *Conservation Biology* 19: 701-706.

MACIEL, C.; PONTES, E.T. **Secas e convivência com o semiárido: adaptação ao meio e patrimonização da caatinga no nordeste brasileiro**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015, p.13.

PACHECO, A. P. et al. **Applicator do sensoriamento remoto na identificação de áreas passíveis de desertificação numa porção do Semiárido brasileiro**. *Geodésia online* 3/2006. Disponível em: <www.geodesia.ufsc.br/.../2006/03.1/PFB-2006.htm>. Acesso em: 14 de maio de 2017.

PLGGB -**Programa de Levantamento Geológico Básico do Brasil** .1988. Piranhas-folhas SC.24-x-c- VI Sergipe/Alagoas/Bahia, Brasília, Brasil.

PRADO, M. V. P.; ANDRADE, J. R. L.; FACCIOLI, G. G. **TURISMO SUSTENTÁVEL E CAPACIDADE DE CARGA DOS ATRATIVOS TURÍSTICOS NO MUNICÍPIO DE CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO/SE: uma reflexão dos aspectos metodológicos.** II Encontro anual da Associação Nacional de Pós – Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade. 2004.

SÁ, N.C.; SILVA, E.M.S.; BANDEIRA, A.S. A cultura da uva e do vinho no Vale do São Francisco. **Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE - Ano XVII - Edição especial -** Dezembro de 2015, Salvador, BA. p. 461-491.

TABARELLI & SILVA, J.M.C. Áreas e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da Caatinga. In: LEAL, I.R.; TABARELLI, M.; SILVA, J.M.C. **Ecologia e Conservação da Caatinga.** Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2008. p. 778.